

## JANE AUSTEN E VIRGINIA WOOLF: ANJO DO LAR OU JUDITH SHAKESPEARE?

Maria do Carmo Balbino Galeno\*  
Juliana Maia de Queiroz\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a escrita literária de Jane Austen e Virginia Woolf, sob uma perspectiva filosófico-feminista-psicanalítica visando clarear o questionamento: o que é a escrita feminina? A princípio é possível dizer que, se há alguma diferença nas produções literárias feitas por homens ou por mulheres, isso se deve às construções do masculino e do feminino na sociedade patriarcal. Para nortear esta análise dialogar-se-á com Cixous, Beauvoir, Herrero, Kehl, dentre outras teóricas da filosofia feminista e da psicanálise.

**Palavras-chave:** Escrita Literária. Mulher. Jane Austen. Virginia Woolf.

### Introdução

Muito se tem falado a respeito da escrita feminina, mas esse é um assunto que divide opiniões. Enquanto uns defendem que existe sim uma escrita com características próprias da mulher, outros, de acordo com os avanços dos estudos feministas, questionam se realmente há uma escrita com características femininas e se perguntam o que caracteriza o feminino para que o ato de escrever seja classificado como tal em contraposição ao masculino e também se questionam: o que é uma mulher e, a partir de que momento se tornou evidentemente necessário tal questionamento, pois como denuncia Virginia Woolf (2014), as mulheres tinham proeminência na literatura, elas eram heroínas nas ficções escritas por homens desde a Grécia antiga, passando por Shakespeare e chegando à atualidade com os autores da época de Woolf, mas na vida real, no dia a dia, elas eram criadas para serem “anjos do lar”, esposas e mães pacíficas e afáveis, verdadeiras servas do seu marido e senhor.

A expressão “Anjo do Lar” que Woolf utiliza em seu artigo *Profissões para mulheres* (2019a) se refere ao poema de Coventry Patmore (1823-1896), no qual o poeta idealiza o amor conjugal e o papel da mulher dona de casa e mãe, imaginário que pairava na sociedade vitoriana, pois a rainha Vitória (1819-1901) tinha fama de ter um amor devotado ao príncipe Albert, seu marido, e essa forma de ser mulher, esposa e mãe, se tornou um modelo para todas as mulheres da época. Herdeira desse período, no qual a mulher estava fortemente presa a essas convenções sociais que a excluía dos lugares de poder político, religioso e acadêmico, Woolf desafia a imaginação de seus leitores ao reavivar a imagem de Judith Shakespeare. Segundo Oliveira:

Virginia Woolf não foi a única a criar uma suposta irmã Shakespeare e, provavelmente, ela tinha conhecimento de outras obras que deram vida à Judith Shakespeare. Anna Snaith (2015:261) afirma que o primeiro escritor a utilizar essa referência seria William Black em 1883, com o romance Judith Shakespeare e em

---

\* Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Licenciada em Letras Português/Inglês (UEMA-2015). Especialista em Língua Portuguesa e Inglesa (FAEME-2015). Publicou, em coautoria, a pesquisa *A mulher em Orgulho e preconceito, repressão x empoderamento: uma perspectiva feminista de Jane Austen* no III Colóquio Internacional Literatura e Gênero - sujeitos de gênero: escritos e outras linguagens, Teresina, FUESPI. E-mails: imcbgaleno@hotmail.com e maria.galeno@ilc.ufpa.br

\*\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA). Leciona Literatura Portuguesa na graduação e atua na pós-graduação com pesquisas relacionadas à história do livro e da leitura; produção, circulação e recepção de romances oitocentistas e romances de autoria feminina. Pós-doutora pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho na grande área Linguística, Letras e Arte (IBILCE/UNESP). Possui bacharelado e licenciatura em Letras, Mestrado em Teoria e História Literária e Doutorado em Teoria e História Literária, todos desenvolvidos no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: julianaamaia@ufpa.br

1895 Edward Aveling cria uma peça com o mesmo nome. Cicely Hamilton escreveu *Marriage as a trade* (1909) e Olive Schreiner *From man to man* em 1920, ambas especulando sobre a possível existência de uma mulher shakespeariana. (OLIVEIRA, 2019, p. 21)

Woolf evoca, imaginariamente, Judith Shakespeare para questionar a si e ao leitor se o dramaturgo elizabetano tivesse uma irmã com os mesmos dons que ele, será que ela teria as mesmas condições de se desenvolver intelectualmente como ele teve? Certamente não, pois naquela época às mulheres era destinado o cuidado da casa, do marido e dos filhos, sem tempo algum para se dedicar à literatura.

Este artigo reflete sobre tais questões e, para este fim, dialoga-se com Maria Rita Kehl que, ao analisar a mulher na perspectiva de Freud e Lacan, desconstrói alguns conceitos para escrever a respeito do *Deslocamento do feminino*. Hélène Cixous, amiga de Lacan, bebendo na fonte da psicanálise, escreve *O riso da Medusa* e afirma que há emoções propriamente femininas que subvertem a lógica patriarcal e, assim, seria possível observar a escrita de Jane Austen: racional, pois suas protagonistas pensam, têm decisões próprias e se posicionam como sujeito de desejo subvertendo a passividade que a sociedade normalizou como própria da mulher; e também emotiva quando necessário, pois a sensibilidade também é característica humana. Virginia Woolf vai além com sua escrita andrógina na qual as fronteiras entre masculino e feminino estão dissolvidas e neste lugar *in between* (*entre*), denuncia as construções patriarcais que sufocam a mulher e sua escrita.

Outra questão que causa inquietação quando se trata de escrita feita por mulheres é o fato predominante de que os teóricos, quando se referem aos séculos XVIII e XIX e falam em literatura, citam exemplos de escritores homens, raramente citam uma mulher, ora, quem estuda e pesquisa a literatura inglesa oitocentista tem conhecimento que na esteira de Defoe, Richardson e Fielding temos Fanny Burney, Ann Radcliffe, Jane Austen, as Irmãs Brontë, George Eliot e antes de todas elas a grande Aphra Behn, dramaturga, romancista e poeta do século XVII. É sobre esse apagamento que se refere Virginia Woolf quando em 1928 discursa nas universidades femininas de Newnham e Girton College e convida as mulheres a escreverem e fazerem memória das mães da literatura, pois se depender dos homens, segundo Woolf, Judith Shakespeare continuaria no anonimato. Compete às mulheres darem vida a ela, igualmente talentosa como seu irmão William, necessitando apenas das mesmas oportunidades que ele.

### **A escrita feminina de Jane Austen e a androginia de Virginia Woolf**

Quase impossível começar esse tópico que não seja com a frase icônica de Woolf sobre Austen: “a mais perfeita artista entre as mulheres.” (WOOLF, 2019b, p. 45). Ao dizer isso, Virginia Woolf revela sua admiração por sua conterrânea e precedente na literatura e, os leitores que conhecem a escrita de Austen, não terão problemas em concordar com a ilustre membro do grupo de Bloomsbury. Talvez um dos motivos de seu apreço seja porque Austen não tinha 500 libras anuais a seu dispor e nem tinha um teto todo seu no qual pudesse se trancar para, livre de interrupções, produzir sua literatura. Mesmo assim foi capaz de escrever clássicos como *Orgulho e preconceito* e *Persuasão*. É o que afirma Austen-Leigh, seu sobrinho e primeiro biógrafo: “Ela não tinha um aposento separado onde pudesse se refugiar, e a maior parte do trabalho deve ter sido feita na sala de estar principal, sujeita a todos os tipos de interrupções casuais.” (AUSTEN-LEIGH, 2014, p. 106). Jane Austen, segundo Woolf: “Entre os romances que concluiu, não há fracassos, e entre os muitos capítulos de cada um, poucos ficam notadamente abaixo do nível dos demais.” (WOOLF, 2019b, p. 42). Assim, Austen escreve na sala de estar da casa, sem um lugar reservado, e o movimento dos demais não foi empecilho para ela produzir verdadeiros clássicos da literatura mundial.

Jane Austen (1775-1817), assim como Virginia Woolf, era filha de um homem instruído. Seu pai George Austen era um pastor da igreja anglicana, porém na sociedade em que vivia a menina mais jovem de uma família de oito irmãos, não teve oportunidade de estudar formalmente. Ela e sua irmã aprenderam a ler em casa com seus pais. Virginia Woolf (1882-1941) também era filha de um homem instruído, seu pai era um intelectual, mas por ela ser mulher, foi impedida de estudar formalmente em uma universidade. Quase cem anos as separam no tempo, mas ambas viveram sob um rígido patriarcado que oprimia as mulheres de seu país assim como da maioria dos países que se tem notícias no Ocidente. Mesmo assim, elas utilizaram os privilégios que de certa forma usufruíam: sabiam ler, tinham livros em casa, seus pais as deixavam livres para ler e escrever e não as forçaram a casamentos arranjados. Com tais privilégios, nos finais dos séculos XVIII e XIX, elas escreveram, deram vida à Judith Shakespeare que é a representação da mulher que, tendo os mesmos talentos do irmão, sucumbiu sem chances de se desenvolver em suas potencialidades, apenas pelo único motivo de ser uma mulher. Mas, “o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam.” (WOOLF, 2019a, p. 14). Com esse questionamento, Woolf deixa entender que só é possível saber quem é a mulher se a ela for possibilitada a chance de se manifestar, com liberdade, não mais exigindo que ela apenas viva para cumprir normas pré-estabelecidas socialmente.

Segundo Maria Rita Kehl: “Não existe A Mulher, universal transcendente ao conjunto de todas as mulheres. Assim como tampouco existe O Homem – mas essa segunda miragem, sustentada pelo significante fálico parece encontrar uma ressonância imaginária.” (KEHL, 2016, p. 24). Desde Aristóteles que defendia a inferioridade feminina, passando por textos de escritores bíblicos considerados sagrados e chegando à atualidade através da religião e da filosofia, foi dito e repetido que a mulher é inferior ao homem. Freud ao analisar a mulher e o homem desde a infância vai explicar como se forma a consciência feminina, que por ser castrada, por não ter o pênis, terá inveja dele. Simone de Beauvoir (2009) com seu magistral estudo, defenderá que a mulher não tem inveja do pênis em si, ela tem inveja do poder que o homem tem por ter um pênis. Maria Rita Kehl, em viés psicanalítico, fará uma atualização dessa análise com um questionamento que inverte e desestabiliza tais verdades. Segundo Kehl:

que o pênis constitua o símbolo fálico por excelência nas teorias sexuais infantis não impede que os homens, que o possuem no corpo, se vejam continuamente diante da necessidade de ultrapassar a dimensão imaginária do falo e passem a vida tentando conquistar outros atributos que a cultura valoriza e oferece no campo simbólico. A posse de um pênis, para um homem, não garante muita coisa a respeito de sua falcidade. Por que então, na teoria freudiana, as possibilidades fálicas para as mulheres permanecem atadas aos limites do corpo? (KEHL, 2016, p. 157-158)

Extremamente revelador esse questionamento de uma psicanalista mulher que escuta homens em sua clínica e sabe, por meio da expressão dos amplos afetos de seus pacientes, o que realmente se passa na esfera masculina. Ademais, se para o homem ter o falo não diz tanto quanto o pai da psicanálise afirmou, por que a sociedade ainda nos dias atuais considera a mulher inferior ao homem, por ela carregar a marca de uma suposta castração?

Kehl faz a pergunta e prontamente dá algumas pistas que mostram alguns motivos pelos quais a mulher ainda, mesmo na sociedade do século XXI, está aquém do homem. Para ela: “Penso que essa limitação se deve ainda aos desdobramentos, no pensamento científico do século XX, das crenças instituídas desde o fim do século XVIII sobre condição das mulheres como determinadas fundamentalmente por sua pertinência ao estado de natureza.” (KEHL, 2016, p. 158). Com este pensamento antropocêntrico, recém saído do teocentrismo medieval, o homem se encontrou dotado de saber e razão, porém, a mulher não foi contemplada com a mesma sorte e sim deixada de lado, pois todo o ser feminino, para esta concepção, é regido pela natureza, o oposto da razão e do conhecimento.

A antropóloga ecofeminista espanhola Yayo Herrero, em seu artigo: *Ausencia de vínculos y extravío del saber*<sup>i</sup> ajuda a pensar como o homem oitocentista, filho do Iluminismo, se tornou o dono da verdade por estar ao lado da razão e da certeza. Para ela: “Con el abandono de los lazos, se extravió el conocimiento. El saber que nació en Europa se autoproclamó como conocimiento universal y el sujeto patriarcal se convirtió en el protagonista de la economía y la política.”<sup>ii</sup> (HERRERO, 2021, p. 01). Isso significa dizer que o homem com sua lógica racional rompeu o vínculo que o unia à natureza, à emoção, e do ponto de vista racional, as mulheres foram deixadas em segundo plano; apenas o homem era digno de pensar e agir de acordo com a razão. É evidente que tal paradigma trouxe consigo vários prejuízos aos relacionamentos das pessoas entre si e das pessoas com o meio ambiente.

Para ajudar a pensar nas relações e na própria natureza que também tem vida própria, Herrero relembra a famosa obra de Lewis Carroll: *Alice no país das maravilhas* (1865), quando faz referência à rainha de copas que, ao chamar Alice para jogar, muda as regras do jogo, fazendo a menina jogar com seres vivos no lugar do taco e da bola e, assim, ela não consegue dominar as regras. Eis uma boa representação para os humanos que pensam dominar a natureza, mas os desastres ambientais mostram a precariedade desse desejo de dominação, afinal, a natureza possui suas regras próprias que não entram na lógica racional do homem.

A psicanalista Maria Rita Kehl chama a atenção para essas construções sociais dicotômicas ao longo da história em torno do que se refere ao masculino e ao feminino e faz menção a algumas mulheres que denunciaram, através de sua escrita, o peso que elas sentiam de ser mulher numa sociedade patriarcal. Segundo Kehl:

a afirmação de Wollstonecraft, ao debater as ideias de Rousseau, de que as qualidades humanas independem do sexo: “não existe sexo nas almas.” Poucas mulheres concordaram com ela, mas algumas décadas mais tarde (1822), a feminista Frances Wright, também inglesa, escreveu a seu amigo Lafayette: “Acredite em mim, querido amigo, a mente não tem sexo, a não ser aquele que o hábito e a educação lhe dão.” Avançando pouco mais de uma década, encontramos em 1837 o depoimento da escritora francesa Aurore Dupin, conhecida como George Sand, que, numa carta ao amigo Frédéric Girard, refere-se a seu imenso orgulho, o qual “poderia ter me levado a um destino heroico, se eu não tivesse tido a infelicidade de nascer mulher.” (KEHL, 2016, p. 48)

Wollstonecraft, Wright, Sand foram mulheres pioneiras que se destacaram na luta feminista desde os finais do século XVIII e inícios do XIX. Elas sentiam, escreviam e denunciavam as injustiças que sofriam pelo fato de serem mulheres. Elas são exemplos de mulheres que mataram o “Anjo do Lar” e deram vida à irmã de Shakespeare. Não negaram seu ser feminino, mas denunciaram que eram reduzidas a isso, não se conformaram e escreveram, deram vozes aos seus múltiplos “eus” que a sociedade queria reprimir, mas sentiam que, se não fossem essas amarras criadas pelo patriarcado, poderiam ter voado muito mais. Sobre essa tentativa milenar de silenciamento e apagamento da mulher e da sua escrita, declaram Pinho e Pivanti:

Se Cixous adjetiva essa escrita como *feminine*, enquanto Woolf preferiria qualifica-la como *andrógina* em *A Room of One's Own* (1929), é porque as mulheres, sendo outras do sujeito dominante ao longo da história, conhecem o silêncio e o silenciamento do *eu*, o que, se subvertido, pode produzir aqueles mergulhos em si que movimentam os *eus* interiores. (PINHO e PIVANTI, 2021, p.185)

Assim como a natureza em si, as mulheres também têm suas próprias peculiaridades, regras, desejos e vontades e, não são os homens a terem a última palavra em relação a elas. Por isso a filósofa feminista francesa Hélène Cixous convida as mulheres a escreverem como mulheres, uma escrita feminina e Woolf convida as mulheres a darem vida à “Judith

Shakespeare” e a matar o “Anjo do Lar”, que as paralisa nas suas potencialidades. Paralisa e também implica um vazio como bem destaca Oliveira: “O problema dessa representação feminina é que ela implica um ideal vazio de conteúdo, essa pureza feminina é denotada pela falta de identidade de um sujeito sem história.” (OLIVEIRA, 2017, p. 125-126). Falta de identidade porque esse “Anjo do Lar” pressupõe seu próprio anulamento para que reine o senhor da casa, o marido, a quem a mulher é submissa.

Virginia Woolf, em seu célebre ensaio feminista intitulado *Um teto todo seu*, convoca as mulheres a escreverem, tendo ou não um teto só seu e 500 libras anuais para seu sustento, porque se houver de nascer uma Judith Shakespeare, ela será possível: “se cultivarmos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos [...] ela virá se trabalharmos por ela, e que esse trabalho, seja na pobreza, seja na obscuridade, vale a pena.” (WOOLF, 2014, p. 159).

É interessante notar a independência de pensamento que predomina nos escritos de Jane Austen, pois mesmo sem posses ela se recusou a obedecer a um pedido de um funcionário do príncipe regente que pediu a ela que escrevesse um romance histórico que ilustrasse a augusta Casa de Cobourg. Jane Austen lhe escreveu uma carta respondendo: “não posso escrever tal romance [...], devo permanecer com meu próprio estilo e seguir meu próprio caminho; e ainda que eu jamais obtenha sucesso novamente neste, estou convencida de que falharia totalmente em outro.” (AUSTEN, 1816, apud AUSTEN-LEIGH, 2014, p. 127).

Na postura de Jane Austen que se nega a obedecer a um alto funcionário real se encontra aquilo que Cixous afirma: “Um texto feminino não pode ser nada menos do que subversivo.” (CIXOUS, 2022, p. 68). A escrita de Jane Austen é subversiva, porque se recusa a escrever um romance histórico exaltando a casa de um homem e escreve um romance que dá voz a uma protagonista mulher, no caso *Emma*. Para Azerêdo: “O fato de a personagem intitular o romance já é representativo de sua força e autoridade.” (AZERÊDO, 2013, p. 33). Faz-se importante notar que a autora dedicou esse romance ao príncipe regente, contemporâneo seu; a professora Azerêdo também relembra “que seus atributos de independente, poderosa, autoritária e irônica não correspondem ao estereótipo feminino do período.” (AZERÊDO, 2013, p. 35). Dessa forma, ela se nega a exaltar a força do homem herói e cria suas próprias heroínas. Para Cixous (2022), o ato de decepar a cabeça da Medusa é um tipo de castração da mente e Austen não se deixa castrar, ela segue seu próprio caminho, deixando sua mente voar, ela resiste e ri do mundo, sendo fiel a si mesma.

Em seu artigo *Profissões para mulheres*, lido para uma associação de mulheres em 1931 e publicado postumamente em 1942, Virginia Woolf fala sobre a necessidade que ela sentiu de matar aquilo que para ela estava destinado, “o anjo do lar”. Ela diz que precisou matar e que foi em legítima defesa, pois se não tivesse feito isso, ela teria morrido: “Se eu não a matasse, ela é que me mataria. Arrancaria o coração da minha escrita” (WOOLF, 2019a, p. 13).

E em *Um teto todo seu*, Woolf convida as mulheres escritoras a homenagear aquela que abriu as portas para que as demais passassem: “Todas as mulheres reunidas deveriam jogar flores sobre a sepultura de Aphra Behn, que fica, escandalosa e apropriadamente, na Abadia de Westminster, por ter sido quem conquistou para elas o direito de dizerem o que pensam.” (WOOLF, 2014, p. 96). Mesmo herdando uma herança dessa mulher escritora que ganhou a vida escrevendo literatura, que as precedeu já no século XVII, as mulheres do século XIX tiveram que lutar com “O Anjo do Lar” para fazer nascer “Judith Shakespeare”, livre para desenvolver seu talento como seu irmão, uma luta de toda a vida.

Em uma escrita muito semelhante, trazendo o mesmo sentido, afirma Cixous: “É preciso matar a falsa mulher que impede a viva de respirar. Inscrever o sopro da mulher inteira.” (CIXOUS, 2022, p. 52). Mas, na mesma obra, Cixous diz que é preciso se escrever de forma feminina, dando ênfase naquilo que a mulher tem de próprio. Para ela:

É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto - como no mundo, e na história -, por seu próprio movimento. (CIXOUS, 2022, p. 41).

É um combate diário, pelo que descrevem as autoras inglesa e francesa, e pode-se inferir que, nesse combate de vida ou morte, a mulher não deve esperar príncipe encantado. Ela deve salvar-se a si mesma, pois se depender do homem, ela será sua eterna dependente. Esse combate deixa claro: é matar ou morrer, e, se a mulher quiser viver, ela tem que matar, simbolicamente, aquilo que a sufoca, aquilo que a sufocou por séculos: as construções sociais forjadas pelo patriarcado. Esse “assassinato” em legítima defesa, de forma magistral, percebe-se na jovem escritora inglesa Jane Austen que, sendo filha de um pastor anglicano na Inglaterra oitocentista, foi uma grande leitora, pois seu pai além de clérigo era tutor de meninos e tinha uma vasta biblioteca em casa e deixava sua filha livre para ler e ele mesmo, percebendo os dotes criativos da filha mais jovem, comprava papel e tinta para ela e, mais tarde, lhe deu de presente uma mesa própria de escrever; foi ele também quem levou ao editor os seus primeiros trabalhos para serem publicados. Percebe-se assim uma menina privilegiada por ter nascido em uma família liberal, o que permitiu que, com seus doze anos, ela já houvesse matado o “anjo do lar” que a rondava e já escrevia, deixando que nascesse nela a irmã de Shakespeare, aos quinze anos ria do mundo e seria assim, irônica e sarcástica, por toda a sua breve vida. Para Woolf:

essa garota de quinze anos, sentada lá em seu canto na sala de visitas da casa, não está escrevendo para provocar o riso nos irmãos, nem para consumo caseiro. Ela estava escrevendo para todo mundo, para ninguém, para a nossa época, para a dela; noutras palavras, mesmo nessa idade precoce, Jane Austen já estava escrevendo. (WOOLF, 2019b, p. 34)

Mesmo privilegiada, em comparação a outras moças de sua época por ter um pai que não a forçava a nada e lhe dava condições de escrever, Jane Austen sofreu por não ter independência financeira, por ter ficado solteira e sem posses e, quando seu pai morreu, ficou aos cuidados de seus irmãos, junto com sua irmã e sua mãe. Ela precisou, muitas vezes, da companhia e do dinheiro de seus irmãos para poder viajar. A esse respeito, segundo a biógrafa Catherine Reef:

Mesmo assim, como ela não tinha recursos, viajava apenas se algum parente masculino a acompanhasse. Certa vez, foi a Godmersham planejando ficar duas semanas, mas a carona de volta para casa não deu certo, e ninguém mais estava indo em direção a Southampton [...] a família decidiu que ela deveria ficar mais dois meses até Henry passar por lá [...] Jane implorou a Edward, mas este se recusou a mudar de planos, então Jane mentiu e disse que precisava voltar por razões particulares. Edward ficou sem escolhas. Ele levou a irmã de volta a Southampton, mas fez questão de dizer que ele era um homem importante e Jane estava fazendo-o perder tempo. “Até eu ter independência financeira para viajar, tenho de me submeter a isso”, lamentou Jane. (REEF, 2014, p. 111)

Além de matar o “Anjo do Lar”, Virginia Woolf propõe uma espécie de androginia, na qual a escrita não teria nem marcas masculinas e nem marcas femininas. Para Neves e Nogueira (2019) no seu artigo: *Virginia Woolf e seu papel como crítica literária: “Woolf apresentou a ideia de mente andrógina, segundo a qual as fronteiras entre o feminino e o masculino estariam diluídas. Isso possibilitaria ao escritor expressar-se artisticamente de forma mais plena, sem repressões ou fragmentação.”* (NEVES; NOGUEIRA, 2019, p. 33).

Pode-se perceber isso em *Orlando: uma biografia*, quando o personagem principal, que era homem, adormece e acorda dias depois e ao perceber que havia se tornado uma mulher não se importa, parece que isso está dentro das condições de existência e não dá tanta importância ao ponto de se assustar ou coisa do tipo, como se pode perceber na leitura do trecho abaixo:

Espreguiçou-se. Saltou da cama. Ergueu-se em toda a nudez diante de nossos olhos, [...] ele era uma mulher [...]. Orlando sem dar qualquer mostra de transtorno, olhou-se de cima a baixo num imenso espelho e foi, supostamente, banhar-se. [...] a mudança de sexo, embora lhe alterasse o futuro, em nada contribuiu para lhe alterar a identidade.” (WOOLF, 2017, p. 92-93)

Neste seu romance inovador, escrito em forma de biografia, Virginia Woolf celebra o amor independente do sexo, celebra o sentimento independentemente de ser correspondido ou não, celebra a resistência da mulher numa sociedade patriarcal, para tanto, o fluxo de consciência convida o leitor a viajar por mais de três séculos com seu/sua personagem principal que no início da narrativa é homem e por fim se torna mulher, na aventura de ser, independente de sexo ou gênero, na possibilidade de ser andrógino, fora dos padrões masculinos e femininos.

E a escrita feminina, o que é? Para se responder a uma pergunta dessa natureza seria necessário primeiro responder ao questionamento: o que é uma mulher? Ora, quem poderia definir a essência feminina sem evocar a pluralidade? A pluralidade é a palavra de ordem nos estudos feministas devido às suas múltiplas e variadas pautas: negra, indígena, lésbica, dentre tantas outras. Todos esses feminismos têm a sua importância, pois cada um, à sua maneira, busca desconstruir ideias enraizadas e disseminadas desde muito tempo. Uma dessas ideias é a do “Anjo do Lar” recitado, sensível e passivo. Como já visto anteriormente, tais características angelicais enfatizam na verdade o apagamento da mulher em contraste com a razão e o conhecimento intelectual iluminista que seria próprio do ser masculino.

Jane Austen posiciona-se a respeito das diferenças pelas quais as mulheres foram injustiçadas sob a perspectiva dos homens escritores, quase que convocando as demais mulheres a escreverem também, a se colocarem na literatura. Para tanto, levanta o debate, sem medo, através desse diálogo entre Anne Eliot, a protagonista, e o capitão Harville no seu último romance *Persuasão*, publicado postumamente em 1818:

– [...] Canções e provérbios sempre falam de volubilidade feminina. Mas talvez me dirá que foram escritos por homens.  
– Talvez o diga. Sim, sim, por favor, não faça referência a exemplos de livros. Os homens levaram todas as vantagens sobre nós ao contar sua própria história. A educação pertenceu-lhes em tão maior grau! A pena esteve em suas mãos. Não posso admitir que os livros provem alguma coisa.  
- Mas como podemos provar alguma coisa?  
- [...] Cada um de nós parte, possivelmente, de uma predileção pelo seu próprio sexo, e sobre esta predisposição constrói a seu favor cada circunstância que ocorre dentro de nosso próprio círculo. (AUSTEN, 2019, p. 219)

Jane Austen, possuía uma percepção clara a respeito das grandes diferenças do que era ser homem ou mulher em sua época, em seu país, em sua própria família, pois ela viu seus irmãos indo para a universidade enquanto ela e sua irmã ficaram em casa. Ela escreveu a partir da própria experiência de exclusão, utilizando uma fina ironia em sua literatura e denunciando a grande diferença entre homens e mulheres quanto a direitos e deveres na sociedade inglesa oitocentista.

Por outro lado, a escrita feminina, como bem lembrada por Cixous (2022), seria uma reviravolta naquilo que ficou estigmatizado como sendo a essência da mulher, em seu lado predominantemente emocional, em seu eu, livre das amarras da razão pura que, separada do eu emocional pelo dualismo platônico e vista como inferior, foi presa junto com as mulheres por

muito tempo na história ocidental. Com a tomada das reflexões e da luta das mulheres por se fazerem ouvir, pois não só o direito de falar é importante, mas o direito de ter quem as ouça é igualmente importante, elas ao se reapropriarem da forma própria de escrever suas emoções genuínas e esquecidas, retomam seu lugar como pessoas, dotadas de razão e sensibilidade e não razão ou sensibilidade, não é uma dualidade e sim uma soma. Austen parece ter essa consciência e joga com a semântica no título de sua primeira obra publicada: *Razão e sensibilidade*, em 1811. Tanto razão quanto sensibilidade são substantivos que não se excluem; pelo contrário, é a soma deles que constitui o humano.

Em *Orgulho e preconceito* (1813), segundo romance publicado da autora, Austen cria Elizabeth Bennet, protagonista feminina, fora dos padrões de submissão feminina da época, que tinha Pâmela, de Samuel Richardson, como modelo de obediência e virtude. Elizabeth Bennet é uma moça inteligente, que não se conforma com os mandos e desmandos de um patriarcado que faz da mulher a escrava do homem. Ela é uma ávida leitora, conversa de igual para igual com a nobre Lady de Bourgh, tia do rico, orgulhoso e poderoso Sr. Darcy. Essa senhora tem uma filha que é doente, mas é prometida a seu primo Darcy. Por sua filha ser prometida a ele é que ela procura Elizabeth antes de Darcy pedi-la em casamento pela segunda vez, pois da primeira foi rejeitado; e Elizabeth demonstra à rica e poderosa dama que sabe o que quer e não se deixa intimidar: “Estou resolvida a agir do modo pelo qual, na minha opinião, possa constituir minha felicidade, sem relação com a senhora ou a qualquer outra pessoa inteiramente estranha a mim.” (AUSTEN, 2011, p. 496).

Elizabeth Bennet é senhora de si e essa capacidade ela encontrou nas suas experiências, observações, bem como através dos conhecimentos adquiridos por meio dos livros, pois é uma leitora assídua. Quando interpelada por Lady de Bourgh sobre a criação e educação dela e de suas irmãs, assim responde: “Sempre fomos estimuladas a ler, e tivemos todas as aulas necessárias.” (AUSTEN, 2011, p. 286). Seu espírito é elevado e ela enfrenta a todos que tentam lhe impor uma forma de pensar diferente, não por petulância, mas por consciência de ser mulher e que precisa lutar para conseguir ter sua vontade respeitada, mesmo que não aceita.

Antes de ser pedida em casamento pelo protagonista do romance e aceitar tal pedido, por amor, Elizabeth vai demonstrar grande capacidade de crença em suas forças para lutar contra aquilo que a sociedade imprime como dever da mulher com relação ao homem, o que ocorre quando ela é pedida em casamento pelo Sr. Collins – parente de seu pai e herdeiro de sua propriedade, pois às mulheres era negado o direito à herança – que veio visitá-las à procura de uma esposa. Assim, Austen descreve esse cidadão: “O Sr. Collins não era um homem sensato, e tal deficiência natural tampouco fora auxiliada pela educação ou pela sociedade.” (AUSTEN, 2011, p. 179). Dessa forma, a autora descreve esse personagem, do qual todos querem distância, mas as regras de civilidade impedem que ele seja posto para fora de casa, e assim ele se acha no direito de pedir em casamento qualquer moça que ele quiser, pois traz consigo fortes razões para estar tão interessado no matrimônio, independentemente da aceitação feminina: “Meus motivos para casar são, em primeiro lugar, que um clérigo em boa posição (como eu) deve dar o exemplo do casamento na paróquia. Em segundo, que estou convencido de que aumentará enormemente a minha felicidade.” (AUSTEN, 2011, p. 218).

Em *Um teto todo seu*, Woolf fala sobre a necessidade que o homem tem de ter uma mulher como espelho no qual ele se enxerga o dobro do tamanho: “As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural.” (WOOLF, 2014, p. 54). Sobre isso, se constata nos personagens da obra *Ao Farol*, de Woolf, da qual escreve Oliveira: “Mr. Ramsay depende do espelho (Mrs. Ramsay) para que sua autoridade seja legitimada, pois sem o espelho seu poder inexistente.” (OLIVEIRA, 2017, p. 175). Seu poder de homem e pai é confirmado pela submissão e adoração de sua esposa e mãe de seus filhos. Isso o Sr. Collins deseja de Elizabeth, a protagonista de Austen, mas ela lhe nega.



Não somente Collins tem razões para querer se casar, a própria sociedade impõe tal prática social como sendo algo certo a ser feito para garantir o futuro. É a família, representada aqui pela mãe, a Sra. Bennet, que arranja esse casamento sem ao menos consultar sua filha, pois quer ver todas bem financeiramente, mesmo que para isso tenham que sacrificar seus sentimentos, é a lei da sobrevivência. Nessa perspectiva, afirma Beauvoir:

Assim para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis por que as mães sempre procuraram tão avidamente casá-las. Na burguesia do século XIX mal as consultavam. Eram oferecidas aos pretendentes eventuais “entrevistas” combinadas de antemão. (BEAUVOIR, 2009, p. 349)

Mas Elizabeth é sujeito de sua história, não se contenta com o que sua mãe e seu pretendente querem para ela, não se rebaixa à condição de objeto e impõe sua vontade: “Aceite o meu agradecimento pelo elogio que o senhor faz a mim. Entendo muito bem a honra da sua proposta, mas para mim é impossível fazer outra coisa senão declinar.” (AUSTEN, 2011, p. 220). Mais adiante, Austen coloca no discurso de sua heroína palavras mais firmes para não deixar nenhuma dúvida de sua recusa: “Todos os meus sentimentos dizem não. Como posso ser mais clara? Não me considere neste momento um exemplo de elegância feminina desejando enfeitiçá-lo, mas uma criatura racional falando a verdade de seu coração.” (AUSTEN, 2011, p. 222). Ao colocar sua heroína como uma criatura racional falando a verdade de seus sentimentos, Jane Austen desafia a sociedade da época na qual a mulher era criada para ser encantadora e submissa. Elizabeth rompe com essas convenções e se mostra uma criatura racional, colocando-se no mesmo patamar do homem que usa a razão e tem decisões próprias, mesmo sabendo que “o casamento é seu ganha-pão e a única justificativa social de sua existência.” (BEAUVOIR, 2009, p. 549). Com esses exemplos, pode-se inferir que a heroína de Austen não se rebaixa à condição de objeto.

Com essa postura, Elizabeth escapa do primeiro pedido de casamento. Mas em seguida a narrativa coloca Elizabeth em face de um novo pedido e, dessa vez, tal pedido é feito pelo rico e poderoso Sr. Darcy, cuja imagem não cai bem aos olhos e ouvidos da heroína que o considera orgulhoso e preconceituoso. Porém, ele acha que se pedir a mão da moça, logo será atendido, mas ela o rejeita também. Para Beauvoir: “O homem é ingênuo quando imagina que submeterá facilmente a mulher a suas vontades e a formará como quiser.” (BEAUVOIR, 2009, p. 616). Por pensar dessa forma, Darcy ao se declarar: “Ele falou bem, mas havia sentimentos alheios aos do coração a ser detalhados, e ele não era tão eloquente no campo da ternura quanto no do orgulho.” (AUSTEN, 2011, p. 313). A esse respeito, afirma Azerêdo:

Um pedido de casamento todo permeado por concessões: **apesar** da inferioridade social de Lizzy, **apesar** da vulgaridade de sua família, **apesar** de sua luta contra tal sentimento (seu amor por Lizzy) **apesar** de tudo isso, Darcy ainda quer unir-se a ela. Elizabeth sente-se tão insultada, que nem hesita em dizer-lhe não. (AZERÊDO, 2003, p. 90)

Darcy a pede em casamento, porém, suas maneiras são tão arrogantes que já haviam despertado anteriormente o desprezo dela e assim Elizabeth, com firmeza, lhe responde: “[...] sua arrogância; e seu desdém egoísta pelos sentimentos dos outros formaram a base da minha reprovação, sobre a qual os acontecimentos sucessivos construíram uma inabalável antipatia.” (AUSTEN, 2011, p. 317). A partir desse momento, o senhor Darcy irá refletir e mudar suas atitudes para conquistar Elizabeth e a narrativa mostra que haverá um segundo pedido de casamento da parte dele ao qual ela, vendo sua mudança, aceitará mostrando que sua vontade

como mulher também importa nas relações e não somente a vontade do homem. Dessa forma, ela também é sujeito desejante e não objeto do desejo masculino.

Portanto, é visível que Jane Austen e Virginia Woolf escreveram dando voz e vida à Judith Shakespeare em suas obras literárias. Criaram personagens femininas que não se submeteram às normas impostas pela sociedade. Austen cria uma personagem que rompe com as questões de casamento por interesse, colocando sua felicidade acima de qualquer desmando patriarcal e Woolf cria uma personagem que transgredir as regras de sexo e gênero, oscilando entre o masculino e o feminino e não se escandalizando com isso, mas aceitando tais mudanças com pacífica normalidade dentro de três séculos de história. Tanto Austen quanto Woolf inovam ao criar suas próprias regras de escrita e isso é exemplo de quem matou o submisso “Anjo do Lar” e deu vida à “Judith Shakespeare”, sonhadora como seu irmão e que conseguiu fazer valer a sua vontade.

### **Considerações finais**

É possível ler Jane Austen e Virginia Woolf e perceber a grandeza dessas duas autoras, pois em nada diferem em qualidade dos homens anteriores e posteriores a elas. Porém, algumas reflexões a respeito desse tema são necessárias, pois por muito tempo se pensou e reafirmou a inferioridade das mulheres com base na biologia, na teologia, na filosofia, na psicanálise e demais ciências. Isso explica, de certa forma, os motivos que fazem o leitor pós-moderno ter volumes e mais volumes em suas prateleiras sobre os filósofos da antiguidade e apenas uns poucos fragmentos de Safo de Lesbos.

A própria Virginia Woolf, quando vai à biblioteca do museu britânico, encontra livros e mais livros de autores homens, mas praticamente nada escrito por autoras mulheres, apesar das mulheres estarem representadas nas obras deles e em boa parte das obras serem as personagens principais. É por isso que Woolf conclama suas irmãs a matarem “O Anjo do Lar” e a darem vida à “Judith, irmã de Shakespeare”, pois se ela possui os mesmos dons e talentos do irmão, há que ter chance de colocá-los em prática. E Jane Austen que teve como exemplos Aphra Behn e Frances Burney, dentre outras, é uma escritora que, no final do século XVIII e início do XIX, escreveu, alargando assim o caminho literário para as que vieram depois.

“Entre Cixous e Woolf, fica o convite: invadam a literatura de vez.” (PINHO e PIVANTI, 2021, p. 199). Jane Austen viveu em uma sociedade na qual a mulher era criada para se casar e, a partir do casamento, a procriação, os cuidados da casa, do marido e dos filhos eram seu destino, porém, ela não quis exercer essas tarefas, não se adequou a essas exigências, não se casou, pois rejeitou uma proposta de casamento vantajosa e, não teve filhos, além de suas obras literárias, pois foi assim que ela se referiu a *Orgulho e preconceito*, que acabava de ser publicado quando escreveu para Cassandra, sua irmã, em 1813: “Quero contar-lhe que recebi meu filho querido, de Londres” (AUSTEN-LEIGH, 2014, p. 108).

Portanto, pode-se perceber em Jane Austen uma escrita feminina carregada de reivindicação do ser mulher enquanto sujeito de sua história e não somente criatura passiva e obediente primeiro aos pais e, em seguida, ao marido como era norma em sua época e sociedade. Austen, com sua literatura, cria mundo novo, cria a nova mulher, mata “O Anjo do Lar” e dá vida à Judith Shakespeare, dona de suas atitudes, dona de sua vida e dona de seu futuro, fazendo valer sua vontade. É por isso que Virginia Woolf a exalta, pois ela soube mesmo sem ter um teto todo seu e mesmo sem ter 500 libras anuais somente para si, escrever e reivindicar seu lugar de sujeito desejante e não apenas aceitar, como ditava a sociedade patriarcal, ser um objeto do desejo masculino.

## JANE AUSTEN AND VIRGINIA WOOLF: ANGEL OF THE HOUSE OR JUDITH SHAKESPEARE?

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the literary writing of Jane Austen and Virginia Woolf, from a philosophical-feminist-psychoanalytic perspective, aiming to clarify the question: what is female writing? In principle, it is possible to say that, if there is any difference in the literary productions made by men or women, this is due to the constructions of masculine and feminine in patriarchal society. To guide the analysis, we will dialogue with Cixous, Beauvoir, Herrero, Kehl, among other theorists of feminist philosophy and psychoanalysis.

**Keywords:** Literary writing. Woman. Jane Austen. Virginia Woolf.

---

<sup>i</sup> Ausência de vínculos e perda do conhecimento. (Tradução nossa);

<sup>ii</sup> Com o abandono dos vínculos, o conhecimento se perde. O conhecimento que nasceu na Europa se proclamou como conhecimento universal e o sujeito patriarcal tornou-se o protagonista da economia e da política. (Tradução nossa).

### REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução Alexandre Barboza de Souza. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Persuasão*. Tradução Luiza Lobo. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

AUSTEN-LEIGH, James Edward. *Uma memória de Jane Austen*. Tradução Stephanie Savalla e José Loureiro. Vitória: Pedrazul, 2014.

AZERÊDO, Genilda. *Jane Austen, adaptação e ironia: uma introdução*. João Pessoa: Manufatura, 2003.

\_\_\_\_\_. *Pra celebrar Jane Austen: diálogos entre literatura e cinema*. Curitiba: Appris, 2013.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CIXOUS, Hélène. *O Riso da Medusa*. Tradução Natália Guerellu, Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

HERRERO, Yayo. Ausencia de vínculos y extravío del saber. *Revista Contexto*. Publicação on-line independente: 2021. Número 275. Disponível em: <https://ctxt.es/es/20210801/Firmas/36897/Yayo-Herrero-Newton-ciencia-Gregory-Bateson-matematicas.htm> Acesso em: 09 maio 2022.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

NEVES, Caroline Resende; NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. Virginia Woolf e seu papel como crítica literária. *IPOTESI Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 28-38, jul./dez. 2019.

---

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. *A representação Feminina na Obra de Virginia Woolf: Um Diálogo Entre o Projeto Político e o Estético*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. Virginia Woolf e a crítica feminista. *IPOTESI Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 18-27, jul./dez. 2019.

PINHO, Davi. PIVANTI, Mariana Muniz. *Écriture Féminine: um passeio em torno de Hélène Cixous e Virginia Woolf*. In: OLIVEIRA, Maria Aparecida de. (org.). *A Prosa poética de Virginia Woolf*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021, p. 183-202.

REEF, Catherine. *Jane Austen, uma vida revelada*. Tradução Kátia Hanna. Barueri: Novo Século, 2014.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

\_\_\_\_\_. *Orlando: uma biografia*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

\_\_\_\_\_. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&P, 2019a.

\_\_\_\_\_. *Mulheres e ficção*. Tradução Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2019b.

**Data de submissão: 31/05/2022**

**Data de aceite: 08/08/2022**